



Psicologia USP

ISSN: 0103-6564

revpsico@usp.br

Instituto de Psicologia

Brasil

Kruse, Lenelis

Compreendendo o ambiente em Psicologia Ambiental

Psicologia USP, vol. 16, núm. 1-2, 2005, pp. 41-46

Instituto de Psicologia

São Paulo, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=305123708006>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal

Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

COMPREENDENDO O AMBIENTE EM PSICOLOGIA AMBIENTAL

Lenelis Kruse¹

Universidade de Heidelberg e Universidade de Fern

O presente artigo consiste nas respostas às seguintes perguntas, propostas e respondidas pela autora: De que modo você, como uma psicóloga ambiental ou pesquisadora ambiente-comportamento: define o ambiente; leva em conta o ambiente em sua pesquisa; que tipo de teorias precisamos para responder pelas relações pessoas-ambiente mais efetivamente; a interação entre as pessoas e o ambiente foi suficiente e adequadamente explicada na Psicologia Ambiental; de que modo esta interação poderia ser explicada mais satisfatoriamente; deveríamos estar construindo diferentes tipos de informação ou de conhecimento para criar teorias explanatórias mais úteis; o que está faltando na pesquisa da Psicologia Ambiental: qual é o seu background disciplinar; quais metodologias de pesquisa comportamento-ambiente você usou e achou mais úteis e porque ao trabalhar com outras disciplinas.

Descritores: Psicologia ambiental. Ambiente. Comportamento. Pesquisa científica - Psicologia.

Definição de ambiente para a Psicologia Ambiental

O termo ambiente, conforme usado na física ou em outras ciências naturais, contrasta com o usado na concepção psicológica e social baseada

1 Professora Honorária da Universidade de Heidelberg e de Psicologia Ambiental na Universidade de Fern, Alemanha. Membro titular da UNESCO. Endereço eletrônico: Lenelis.Kruse@FernUni-Hagen.de

no que o biólogo J. von Uexküll (1921), já em 1909, definiu como “Umwelt”. O ambiente, para Uexküll, está sempre relacionado a um organismo que percebe e age, e isto corresponde à estrutura e ao estado de seu “mundo interno”. Traduzido para o nível humano (o que Uexküll também tentou fazer), o ambiente é o entorno subjetivamente significativo de um indivíduo ou grupo. “*Umwelten*” são conjuntos de significados como experienciados e atuados por indivíduos e grupos. Colocando de um modo mais amplo, “*Umwelt*” pode ser definido como algo que real ou potencialmente tem um efeito sobre uma pessoa ou grupo - seja como um impacto percebido abertamente (e sensorialmente), seja como influências mais sutis / subconscientes, como a pressão atmosférica - e também como espaço de ação.

O ambiente na pesquisa da Psicologia Ambiental

A Psicologia Ambiental leva em conta o ambiente em pesquisa em, pelo menos, dois modos:

1. estritamente como o significado percebido ou atribuído ao ambiente por uma pessoa (conforme delineado acima). Exemplo: percepção de risco; percepção e avaliação de mudança de clima ou do “buraco de ozônio”; experiência de apinhamento; percepção / avaliação do uso de recursos referente a um comportamento particular (ex. dirigir um carro próprio x usar o transporte público); diferentes concepções e percepções de “natureza” como bela, como feia, como algo a ser conservado ou para ser usado pelo bem do ser humano;
2. estudando o comportamento espacial manifestado por pessoas (por ex., crianças em um playground; pessoas usando o jardim da frente de suas casas, ou o parque da redondeza), começamos por descrever o ambiente no qual esta espécie de comportamento acontece, primeiramente em termos físicos (tamanho, densidade, número de brinquedos, caminhos, bancos etc.). Se eu fizer isto com os meus estudantes, e eles tentarem observar os respectivos comportamentos relacionados a aspectos ambientais, geralmente, e de modo bem rápido, ocorre que a fim de “compreender” os padrões de comportamento obser-

vados, teremos de conhecer mais sobre o que um comportamento, em um certo ambiente e dirigido a certos objetos, significa para diferentes grupos de pessoas (idade, sexo, ocupação e responsabilidades etc., ou para certos indivíduos com diferentes biografias).

A interação pessoas-ambiente: teoria e prática

A interação pessoas-ambiente não tem sido suficientemente explicada na Psicologia Ambiental. Uma razão para isto é que há uma lacuna entre as noções teóricas e os projetos empíricos. Nesses últimos, ainda predominam os procedimentos que tentam explicar as relações entre variáveis dependentes e independentes, como é feito na pesquisa em laboratório. Traduzir uma concepção como o paradigma transacional, ou a de uma verdadeira interdependência entre pessoas e ambiente em projetos de pesquisa, é tarefa difícil.

Deveríamos, provavelmente, gastar mais tempo elaborando abordagens teóricas que levassem em consideração mais seriamente a interdependência - a relação inseparável entre as pessoas e o ambiente -, e inventar projetos de pesquisa que correspondessem a essas noções.

As teorias podem responder pelo caráter interdisciplinar dos problemas ambientais. Uma boa oportunidade para isto ocorrer pode ser a emergente “ciência da sustentabilidade”, como foi proposta em Amsterdã, 2001.

Temos de nos tornar mais abertos a diferentes metodologias que podem ser usadas no estudo das relações pessoas-ambiente, e temos de tentar encontrar modos de combinar dados de diferentes abordagens. A demanda por abordagens multi-metodológicas usualmente termina em múltiplos dados e resultados que não podem ser conectados. Esses problemas das abordagens multi-metodológicas são também o centro do trabalho interdisciplinar e sempre geram um desapontamento nos pesquisadores.

Deveria haver mais esforços para integrar a pesquisa:

1. para dar mais coerência ao campo da Psicologia Ambiental, por ex., combinando pesquisas sobre comportamento espacial e planejamento ambiental com pesquisas sobre consciência ambiental e ati-

tudes. Esses dois campos estão usualmente bastante separados e, a cada semestre, gasto muito tempo para explicar a meus estudantes como esses campos são (inter)relacionados.

2. a Psicologia Ambiental tem de se tornar mais contextualizada, já e por si só, afastando-se de abordagens ainda muito individualistas, comprometendo-se com colaborações mais próximas das disciplinas vizinhas da ciência social (como sociologia, etnologia, geografia cultural / social). A Psicologia Ambiental tem de começar a entender a si própria como parte da ecologia humana (ou daquelas disciplinas que, como um todo, constituem a ecologia humana). Ela estará, então, melhor preparada para comunicar e cooperar com as ciências ambientais naturais.

Relato de experiência

Meu *background* é a Psicologia, principalmente a Psicologia Social. Muito cedo na minha carreira (logo após receber o diploma em psicologia), fui para o campo da Psicologia Ambiental, trabalhando no início, teoricamente, com base em abordagens fenomenológicas, a análise do mundo vivido, de situações.

Estive trabalhando durante oito anos muito próxima a cientistas naturais, assim como a economistas, advogados, médicos especialistas etc., na análise de problemas ambientais globais (clima, solo, água, diversidade biológica etc.). Eram usualmente abordagens psicológicas de estudos quanto à percepção e à interpretação (de mudanças climáticas, degradação do solo, qualidade da água etc., percepção de risco e comunicação) por diferentes (culturalmente) grupos-alvo ou atores, que eram “novas” e, freqüentemente, surpreendentes para os meus colegas.

Quando se trata da percepção e da cognição de problemas ambientais, o que esses colegas geralmente conhecem resulta de enquetes sociais. Quando eu apresentava uma crítica sobre tais métodos (por ex., diferenças chocantes podem ser obtidas utilizando-se questões abertas ou fechadas, segun-

do a ordenação das questões, por escolhas múltiplas etc.), isto lhes abria os olhos (e um colega, um engenheiro, sugeriu que o governo deveria proibir o uso de questões fechadas em levantamentos demoscópicos).

Quanto ao planejamento de intervenções (por ex., melhoria no gestão da água), é por vezes difícil explicar que devemos realmente trabalhar em um nível local, em contextos concretos e com grupos específicos, etc.

Cabe aos psicólogos ambientais realizar e operacionalizar mais e mais o slogan “pense globalmente, aja localmente” e assim proporcionar evidência para a relação fundamental entre os problemas ambientais globais e as ações locais e regionais.

Kruse, L. (2005). Understanding the environment in environmental psychology. *Psicologia USP*, 16(1/2), 41-46.

Abstract: The present article consists of answers to the following questions, proposed and answered by the author: How do you, as an environmental psychologist or an environment-behavior researcher, define environment? How do you, as an environmental psychologist or an environment-behavior researcher, take the environment into account in your research? What kind of theories do we need so we can analyze people-environment relations more effectively? Do you think the interaction between people and the environment has been sufficiently and adequately explained by environmental psychology? If the answer is no, in what way could this interaction be explained more satisfactorily? Should we be constructing or collecting different types of information or knowledge to create more useful explanatory theories? What do you think is lacking in Environmental Psychology research? What is your disciplinary background? When you worked with other disciplines or professions, what behavior-environment research methodologies did you use? Which were the most useful and why?

Index terms: Environmental psychology. Environment. Behavior. Research methods - psychology.

Kruse, L. (2005). Compréhension de l'environnement dans la psychologie de l'environnement. *Psicologia USP*, 16(1/2), 41-46.

Résumé: Cet article consiste dans les réponses aux questions suivantes, proposées et répondues par l'auteur: De quelle façon, en tant que psychologue de l'environnement ou chercheur environnement-comportement, définissez-vous l'environnement? De quelle façon, en tant que psychologue de l'environnement ou chercheur environnement-comportement, tenez-vous compte de l'environnement dans votre recherche? Quel type de théories nous faut-il adopter pour répondre des relations personnes-environnement plus effectivement? Selon vous, l'interaction entre les personnes et l'environnement a-t-elle été suffisamment expliquée et de façon adéquate dans la psychologie de l'environnement? Si ce n'est pas le cas, comment cette interaction pourrait-elle être expliquée de façon plus satisfaisante? Devons-nous construire ou recueillir différents types d'information ou de connaissance pour créer des théories explicatives plus utiles? Selon vous, que manque-t-il dans la recherche de la Psychologie de l'Environnement? Quel est votre background disciplinaire? Quand vous avez travaillé avec d'autres disciplines ou professions, quelles méthodologies de recherche comportement-environnement avez-vous utilisées et reconnues plus utiles, et pourquoi?

Mots-clés: Psychologie de l'environnement. Environnement. Comportement. Recherche-scientifique-psychologie.

Referência

von Uexküll, J. (1921). *Umwelt und innenwelt der tiere* (2. ed.). Berlim: Springer.

Recebido em 5.04.2004

Aceito em 7.03.2005